



R E V I S T A V I S U A I S

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNICAMP

**CASOS DE AMOR
DIANTE DAS
PERPLEXIDADES
DO VAZIO:
angústias de um artista
na desconstrução
de mitos**

Luiz Sérgio de Oliveira
Artista Visual e professor na
Universidade Federal Fluminense

1

O artista é um sujeito atormentado pelas dificuldades em compreender seu próprio lugar no mundo, diante das dificuldades de compreender o lugar que a ele é reservado no mundo.

2

Veza por outra ele busca calar seus tormentos e suas angústias transportando seu mundo para um outro mundo povoado por nuvens de mitos e de fantasia. Não que a fantasia em si, ao lado do sonho e da imaginação, não seja matéria-prima para a emergência da arte, para a instauração do processo de criação artística; não é disso que aqui tratamos.

3

O que aqui tratamos, mais especificamente neste ponto, é um tipo de fantasia que, indo além do território próprio do fazer artístico, esparrama-se na percepção política que o artista lança sobre si mesmo como sujeito social; uma fantasia que acaba por alimentar a ideia – ou crença, se preferirmos – que o artista se autoimputa como sujeito especial, que, de tão especial, não se harmoniza com o mundo mundano, um sujeito tão especial que não aceita ver sua grandeza pareada com a presumida pequenez do cotidiano.

4

Diante da manifesta inadequação do mundo às coisas da arte, os artistas e a arte se aninham em um outro mundo, distante das agruras e das escabrosidades do cotidiano, em um universo paralelo conhecido como “mundo da arte”.

5

É verdade que em diferentes momentos da história, o mundo da arte tem flertado com as coisas do mundo mundano. Vanguardas, neovanguardas e geovanguardas têm deixado inscrito na história da arte e da cultura suas tentativas de debelar a

ânsia pelo distanciamento desses mundos, têm deixado registrado suas investidas em favor do colapso da arte no mundo mundano e na vida vivida.

6

No passado presente, parcela da produção de arte contemporânea tem deslocado sua atenção dos espaços reservados pela tradição no mundo da arte, no tal mundo que corre em paralelo ao mundo mundano, para aí, neste exato mundo mundano, buscar seu lugar de instauração e seu momento de verdade.

7

No entanto, com mais frequência que menos, esse esparramar-se da arte no mundo mundano revela-se provisório e precário, ou menos que isso, revela-se uma ficção ou mesmo um engodo que mal oculta suas reais intenções e seu desejo traduzido no voo de bumerangue, aquele que, partindo do mundo da arte, sobrevoa o mundo mundano para voltar incólume ao seu ponto de partida.

8

Apesar dessas experiências, e mesmo que essas experiências pareçam sugerir o desejo do contrário, o universo da arte e o cotidiano do mundo continuam descolados e inexoravelmente apartados, como duas faces de uma mesma moeda que, embora presentes no mesmo corpo, não se tocam e sequer se miram.

9

Diante de muitas perplexidades, o artista parece oscilar entre fantasias que se distinguem em sua tipologia: fantasias que conduzem o artista ao sonho e aos devaneios, à imaginação criadora que areja e norteia o fazer do ateliê, ou onde quer que o artista se encontre em seu processo de criação, e aquelas fantasias que, da ordem da alienação, funcionam como uma armadura social utilizada no descolamento que sugere o artista como sujeito diferenciado no mundo.

10

A partir deste ponto de indução e de alienação, tendem a se avigorar os tormentos e as angústias do artista, nem sempre assumidos por quem acredita que sua inadequação ao mundo é, na verdade, um mero efeito da inadequação e da imperfeição do mundo.

11

Um mundo social habitado e controlado por plebeus e filisteus, conforme há muito “denunciado”, o que parece induzir todo e qualquer artista a assumir como seus o fado e o fardo que, em vida, assaltaram Van Gogh diante de uma sociedade que, presume-se ainda hoje, não estava à altura de seu talento e de sua obra. As implicações dessas elaborações têm servido como propulsores para estudos e pesquisas no campo da sociologia da arte.

12

O artista é um sujeito atormentado pelas dificuldades de encontrar seu lugar no mundo, pelas dificuldades de perceber o lugar que o mundo lhe reserva. O artista é um sujeito que oscila entre fantasias criativas e cenários de alienação. E esse artista, é claro, sou eu.

13

Ou como eu diria em outros cenários, “soy yo”.

14

Sou eu quem vive as angústias de tentar entender o lugar que, como artista, me cabe no mundo; sou eu quem tenta entender de que maneira eu caibo neste mundo. Um mundo que insisto em ver em sua inteireza, que resisto em ver fraturado entre o mundo da arte e o mundo mundano, apesar das evidências em contrário.

15

Diante de muitas perplexidades, há muito a prática laboriosa do cotidiano de ateliê foi substituída por interrogações sem respostas, por uma cadeia de dúvidas que não encontram seu fim. Hesitações que tentam entender o porquê, o para quê e o para

quem do fazer da arte. Alguns reafirmarão a irrelevância e a inoperância dessas dúvidas e dessas angústias, uma vez que ser arte deve ser o que basta.

16

Diante de tantas perplexidades, as práticas de ateliê foram abandonadas em favor de outras práticas que incluem a ação na educação, na constituição de outros cenários de disseminação e de espalhamento da arte, quer seja como professor, como palestrante, como orientador, como curador, mediador, educador, ou qualquer outra ação ou atividade que faça parte de uma noção ampliada do fazer artístico, do ser artista na contemporaneidade.

17

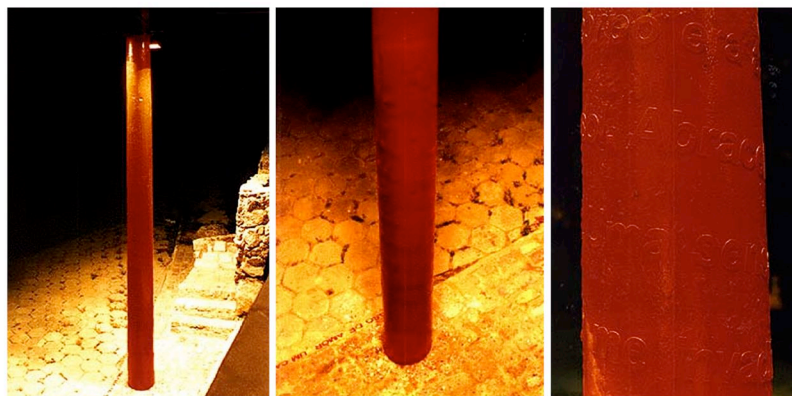
Aquele ateliê estável, fixo, com endereço, CEP, *etcetera* e tal, foi transmutado em uma forma nômade a vagarear pelo contemporâneo. Isso porque o ateliê está onde o artista estiver em processo de criação. Pode ser no ônibus, no metrô, no bar, na rua ou mesmo diante de um poste em uma rua qualquer.

18

Como certo poste transformado em “galeria de arte” por um grupo de artistas / amigos na cidade de Niterói. Certo poste que durante muitos anos parecia ser o que de mais interessante e vívido acontecia naquela cidade que afronta a cidade do Rio de Janeiro, do outro lado da “margem” da baía de Guanabara.

19

Um caso de amor, um caso sério, 1997, instalação, Galeria do Poste Arte Contemporânea, Niterói.¹



20

Um caso de amor, um caso sério marca o início de uma série de trabalhos que se alonga há algum tempo. Trata-se de uma série que, recorrendo a diferentes meios e possibilidades, lida com o amor à vida diante de um caso sério com a arte. Enquanto o trabalho inaugural – o poste de 1997 – mencionava apenas um caso de amor, a série, de forma mais abrangente, refere-se a dez casos de amor e a um caso sério.

21

O título da série – *Dez casos de amor e um caso sério* – faz menção mais que direta ao conjunto de pinturas e litografias desenvolvido pelo pernambucano João Câmara ao longo da década de 1970², obra que despertava meu interesse e atenção nos anos de minha formação.

22

Além das referências à pintura de Câmara, a obra inaugural da série flerta despidoradamente com a literatura de Rubem Fonseca, desenvolvendo-se em um diálogo que desconhece os limites fronteiriços entre arte e literatura, em um processo de apropriação e de adaptação livre de trecho do romance do escritor mineiro.

23

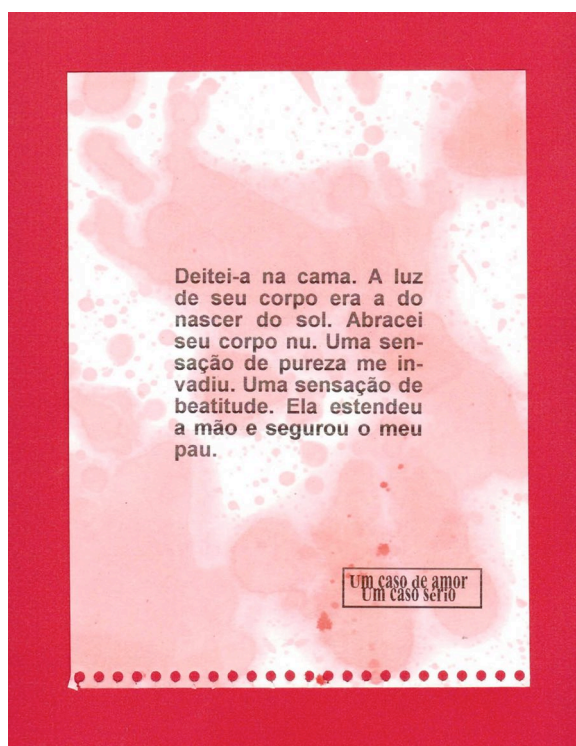
O trecho adaptado a partir do original de Rubem Fonseca³: “Deitei-a na cama. A luz do seu corpo era a do nascer do sol. Abracei seu corpo nu. Uma sensação de pureza me invadiu. Uma sensação de beatitude. Ela estendeu a mão e segurou o meu pau.”

24

Pequenos objetos, imagens virtuais e desmaterializadas, cravadas em postes, desenhos, fotografias, a falar das coisas da vida, do lugar da arte e do artista no mundo, em um mundo que se quer mundano.

25

Um caso de amor, um caso sério, 1997-1999, desenho.



26

A série, em seu conjunto, trata de amor, de relações interpessoais, fugidias ou não, marcadas por sexualidades, por amores, erotismo, mais amor, arte, amor à arte, vida, finitude, morte e por aí vai. Trabalhos que se pretendem contaminados por humor e por certa ironia na expectativa da partilha.

27

Ano de 2001, férias de verão. A cidade do Rio de Janeiro, como de costume, se abre para receber um enorme contingente de turistas brasileiros e outros tantos vindos do exterior. A visita à cidade, depois de desfrutados todos os encantos da cidade maravilhosa, sugere uma esticada àquela outra cidade, do lado de lá da baía de Guanabara, para conhecer e se deixar fotografar junto à obra prima do arquiteto Oscar Niemeyer: o Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

28

Para aqueles com maior disposição e com disponibilidade de tempo, o caminho entre as barcas e o museu se transforma em uma longa caminhada. E no meio do caminho tinha um poste. Um poste curioso, quase engraçado, coberto por placas de madeira com indicações mal pintadas a sugerir caminhos que se cruzam e que têm o imprevisível como destino. Carinho, afeto, mão, coxa, trepada, e assim por diante, são indicações, quase comandos, que falam dos descaminhos do amor, da sexualidade e da vida.

29

Literatura do bordel, 2001, instalação, Galeria do Poste Arte Contemporânea, Niterói.



30

Tinha um poste no meio do caminho e não tinha como ele passar despercebido, tamanha a surpresa daquele encontro com um poste coberto por palavras, muitas tidas como de “baixo calão” nos limites do obsceno, tidas para serem ditas nos limites dos sussurros apaixonados, aqui alinhadas em três fileiras de placas de madeira a cobrir a superfície cônica do poste como indicações mal pintadas, retiradas de uma invenção: literatura de bordel.

31

Certamente seria desnecessário repetir ou mesmo ressaltar a disparidade entre literatura de bordel e literatura de cordel, universos seguramente muito distantes e distintos. Cabe, no entanto, lembrar certo mal entendido, ou quase, que levou o trabalho – *Pequeno Dicionário do Bordel* – a ser apresentado em uma mesa de debates dedicados aos “estudos da cultura popular, literatura de cordel e outras conversas”. Na ocasião, uma apresentação/performance sob a forma de palestra causou mal estar entre os organizadores do encontro, o que pareceu aumentar o deleite de quem se deixava surpreender por algo inusitado: a apresentação de uma

literatura de bordel inventada no meio de um debate conduzido por antropólogos e outros estudiosos em torno da literatura de cordel e da cultura popular.

32

Pequeno Dicionário do Bordel, 2001-2009, performance, Pólo Universitário de Rio das Ostras.



33

O *Pequeno Dicionário do Bordel*, desdobramento da instalação *Literatura de Bordel* (2001), bem antes de ser apresentado como performance/confusão/mal entendido em um encontro científico em 2009, já havia assumido o formato de página na internet e o de livro de artista, ainda como parte da instalação original.

34

Pequeno Dicionário do Bordel, 2001, página na internet (parte de exposição realizada na Galeria do Poste Arte Contemporânea, Niterói).

Pequeno Dicionário do Bordo

Luiz Sérgio de Oliveira

adoração	afago	afeto	amasso	amizade	amor	ânus	ato	aventura	bacanal
barriguinta	beijo	beleza	bimbinha	boa	boazuda	boca	boceta	boquete	bunda
buraco	cabaço	cabeça	cabelo	cacete	calcinha	calor	cama	capricho	caralho
carícia	carinho	carne	cheiro	chicote	clitóris	coito	consolo	cópula	coração
coxa	cu	cúmplice	cupido	decepção	dedo	delícia	dente	desvelo	devoção
dinheiro	dor	ejaculação	esperma	esporro	êxtase	falsidade	farsa	foda	frenesi
funino	gemido	gostoso	gozada	gozo	grana	grelo	hipocrisia	jumento	lábios
lambida	língua	mão	masturbação	meigo	membro	mentira	meter	molhadinha	mordida
nádegas	olho	orelha	orgasmo	orgia	paixão	pau	pé	peito	pele
pêlo	pênis	perfume	peru	pescoco	pica	piranha	porra	porrada	prazer
piroca	preservativo	punheta	puta	putaria	rabo	racha	rampeiro	rego	roscofe
sacana	sacanagem	saco	safado	segredo	seio	sensual	sentimento	sexo	simpatia
suor	sunuba	sussurro	sutiã	swing	tapa	tensão	tesão	traição	transa
trepada	umbigo	unha	vaca	vagabunda	vagina	xana	xereca	xibiu	xota

35

Pequeno Dicionário do Bordo, 2001, livro de artista (fac-símile de páginas do dicionário)

<p>Página 14</p> <p>sus.surro <i>sm</i> (lat. <i>susurrus</i>) 1 Zumbido de alguns insetos. 2 Ato de falar em voz baixa. 3 Som confuso; murmúrio. 4 Palavras ditas para alguém especial em momentos especiais. Ao pé do ouvido... tocando na orelha... língua tímida... quente. 5 Delícia.</p> <p>su.ti.ã <i>sm</i> (fr. <i>soutien-gorge</i>) 1 Roupa íntima feminina destinada a sustentar ou modelar os seios. 2 Corpete, corpinho, porta-seios, sustenta-seios.</p> <p>swing <i>sm</i> (sua) (<i>ingl</i>) 1 Golpe lateral com balanço de braço, no boxe. 2 Estilo movimentado de música de jazz. 3 Dança segundo o ritmo do swing. 4 Certo movimento do jogador de golfe quando vai bater na bola.</p> <p>ta.pa <i>sf</i> (gót. <i>Tappa</i>, 'tampa') 1 Ação ou efeito de tapar. 2 A parte exterior do casco das bestas; tampa. 3 Peça adaptada à boca do tubo-alma de uma boca-de-fogo, para protegê-la do tempo quando não está em uso. 4 Bras. Pano com que se vendam os olhos do burro pouco manso, para que se deixe arrear. 5 Bofetada. 6 Bras. Trágada em cigarro de maconha; barrufo, barrufada, pega, brasa. 7 Pancada com a mão, forte ou leve, em qualquer parte do corpo. 8 Quando no momento, intensidade e parte do corpo corretos, pode somar prazer ao ato sexual. <i>Tapa de amor não dá.</i></p> <p>tensão <i>sf</i> (lat. <i>tensione</i>) 1 Qualidade ou estado do que é tenso. 2 Fisiol. Med. e Psiq. Estado em que há sensação ou de retesamento (de músculos estriados esqueléticos, p. ex.), ou em que se é levado além de um limite normal de emoção. 3 Grande aplicação ou concentração física ou mental.</p> <p>ter.nu.ria <i>sf</i> 1 Qualidade de terno. 2 Meigüico, carinhoso. 3 Afeto brando ou sem grandes transportes.</p> <p>to.ão <i>sm</i> (lat. <i>tensione</i>, 'tensão') 1 Tesura. 2 Força, intensidade. 3 Manifestação de força; violência. 4 Chulo. Potência sexual. 5 Chulo. Desejo carnal; excitação. 6 Bras. Chulo. Indivíduo que respira desejos carniais; tesudo. 7 Chulo. Estado do pênis em ereção, pau duro, caralho de pedra.</p> <p>tra.ição <i>sf</i> (lat. <i>traditione</i>, 'entrega') 1 Ato ou efeito de trair (se). 2 Crime de quem, perfidamente, entrega, denuncia ou vende alguém ou alguma coisa ao inimigo. 3 Perfídia, deslealdade, alevosia. 4 Infidelidade no amor.</p> <p>trans.a <i>sf</i> (za) (de <i>transação</i>) 1 Entendimento, acordo, pacto. 2 Ligação, trama, conluio. 3 Relação amorosa; trepada; foda.</p> <p>tre.pa.da <i>sf</i> (trepas + ada) 1 Encosta, ladeira. 2 Terreno em aclive; subida. 3 Chulo. Cópula carnal; foda.</p> <p>um.bi.go <i>sm</i> (lat. <i>umbilicus</i>, <i>atr. de uma f. "umbigo"</i>) 1 Anat. Cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical, localizada a mais ou menos um palmo acima do caralho, no caso do corpo masculino, e acima da boceta, no caso do corpo feminino.</p> <p>un.ha <i>sf</i> (lat. <i>ungula</i>) 1 Lâmina córnea semitransparente que recobre a extremidade dorsal dos dentes. 2 Garra. 3 Casco de paquidernes e ruminantes. 4 Extremidade recurvada dos pés dos insetos. 5 Opérculo de várias conchas. 6 Úngula.</p> <p>va.ca <i>sf</i> (lat. <i>vaccus</i>) 1 A fêmea do touro. 2 A carne de boi ou vaca que se vende para consumo alimentício. 3 Prato feito com essa carne. 4 Parada no jogo, proposta por um parceiro, mas em nome de dois ou mais. 5 Bras. Chulo. Mulher leviana, que aceita qualquer homem. 6 Puta, safada, piranha.</p> <p>vaga.bun.da <i>sf</i> Entom (fem de <i>vagabundo</i>) Nome vulgar de uma espécie de formiga (<i>Pachycondylo striata</i>).</p> <p>vagi.na <i>sf</i> anat. (lat. <i>vagina</i>) 1 Designação comum a diversas formações com feio de bainha. 2 Na mulher, o canal que se estende do colo do útero à vulva. 3 Boceta.</p> <p>xana <i>sf</i> 1 Chulo. O mesmo que vagina, xereca, xota, xoxota, perereca, boceta. Em alguns casos, xana combina com grana.</p>	<p>Página 15</p> <p>a.do.ra.ção <i>sf</i> (lat. <i>adoratione</i>) 1 Ato de adorar. 2 Culto a uma divindade. 3 P. ext. Culto, reverência, veneração. 4 Amor excessivo; idolatria. 5 Gosto imoderado de alguma coisa. 6 Quadro que representa a veneração dos Reis Magos ao Menino Jesus. <i>Diz-se a pessoa amada.</i></p> <p>a.fago <i>sm</i> (de <i>afagari</i>) 1 Ato de afagar, carícia, mimo. <i>Afago da fortuna</i>: prosperidade passageira. O começo de uma relação amorosa, de uma trepada.</p> <p>a.fec.to <i>sm</i> (lat. <i>affectus</i>) 1 Sentimento de afeição ou inclinação para alguém. 2 Amizade, paixão, simpatia. <i>adj</i> 1 Afecionado. 2 Entregue ao estudo, ao exame ou à decisão de alguém. 3 Uma das manifestações do desejo, da vontade de foder.</p> <p>a.mas.so <i>vid</i> (a + massa + ar) 1 Converter em massa ou pasta; sovar. 2 Misturar, mesclar, confundir. 3 Machucar, amachucar, amarrutar, amarfandar, amarfalhar. 4 Esmagar, pisar. 5 Vencer (com argumentação irrefutável); esmagar, achatar. 6 Pop. Juntar, amellar. 7 Bras. Chulo. V. bolar; prebúlio (ou não) da transa, da trepada. <i>Diz-se que uma bela trepada começa em um bom amasso.</i></p> <p>a.mi.za.de <i>sf</i> (lat. <i>vulg. amicitate</i>) 1 Sentimento fiel de afeição, simpatia, estima ou ternura entre pessoas que geralmente não são ligadas por laços de família ou por atração sexual (muito embora...). 2 Estima, simpatia ou camaradagem entre grupos ou entidades. 3 Pessoa amiga; amigo. 4 Mancebia, concubinato; amasso. 5 Entendimento, concórdia, fraternidade. 6 Bras. Pop. Forma de tratamento: meu amigo, meu chapá; nossa amizade. <i>Amizade colorida</i>: Bras. Relacionamento íntimo, amoroso, sem compromisso social (amizade com benefícios).</p> <p>a.mor <i>sm</i> (lat. <i>amor</i>) 1 Sentimento que impela as pessoas para o que se lhes agrada belo, digno ou grandioso. 2 Grande afeição de uma a outra pessoa de sexo contrário. 3 Afeição, grande amizade, ligação espiritual. 4 Objeto dessa afeição. 5</p> <p>Benevolência, carinho, simpatia. 6 Tendência ou instinto que aproxima os animais para a reprodução. 7 Desejo sexual. 8 Ambrigo, cobiça. <i>Amor do ganho</i>: 9 Culto, veneração. <i>Amor à legibilidade, ao trabalho</i>: 10 Caridade. 11 Coisa ou pessoa bonita, preciosa, bem apresentada. 12 Filos Tendência da alma para se apegar aos objetos. <i>Antôn</i>: aversão, ódio. <i>sm</i> pl 1 Mamoro. 2 O objeto amado. 3 O tempo em que se ama. 4 Amor léssico: o mesmo que <i>safismo</i>. <i>Amor livre</i>: relações sexuais ou coabitando sem casamento legal. <i>Amor platônico</i>: relação estreita entre duas pessoas de sexo oposto, sem realização de atos sexuais. <i>Per amor à arte</i>: gratuitamente, sem nenhum interesse. <i>Ser do amor</i>: só quer saber de prazeres sensuais. 5 <i>Fazer amor</i>: transar, trepar, foder.</p> <p>â.nus <i>sm</i> (lat. <i>anus</i>) 1 Anat. Abertura exterior do reto, que dá saída às fezes. 2 Bot. Orifício posterior das flores monopétalas. 3 Sexo Parte do corpo humano usado para o coito anal.</p> <p>a.to <i>sm</i> (lat. <i>actu</i>) 1 Aquilo que se faz ou se pode fazer. <i>Ato paratético</i>: 2 Decisão, deliberação ou determinação do poder público. 3 Ref. Exteriorização de certos sentimentos, convicções, desejos ou propósitos. <i>Ato de contrição, ato de esperança</i> etc. 4 Ref. Preço que contém essa exteriorização. 5 Ref. Ação de receber os sacramentos. <i>Ato do batismo</i>: Cada uma das partes em que se divide uma peça teatral: <i>Comédia em três atos</i>; <i>Ato contínuo</i>: imediatamente, constantemente, continuamente. <i>Ato sexual</i>: transa, coito, trepada.</p> <p>a.ven.tu.ra <i>sf</i> (lat. <i>adventura</i>, 'coisas que estão por vir') 1 Empresa, empreendimento, ou experiência arriscada, perigosa, incomum, cujo fim ou decorrências são incertas. 2 Acontecimento imprevisto, surpreendente; peripécia. 3 Acaso, sorte, fortuna. 4 Proeza de cavaleiro andante, de cavalaria. 5 Ligação amorosa, em geral passageira e inconsequente (muito apreciada por homens e mulheres na atualidade).</p> <p>ba.ca.nal <i>sf</i> (lat. <i>bacchanale</i>)</p>
--	---

36

Em um passado mais recente e para além do dicionário e da literatura do bordel, a série dos *Dez casos de amor e um caso sério* tem se sofisticado para falar de amor com mulheres “estonteantes”, algumas daquelas que estariam entre as mais desejadas do planeta, do tipo “da amiga da mulher” do Seu Jorge. Mulheres que, embora tidas como irrecusáveis, foram tratadas em *Dez casos de amor e um caso sério* com certo desdém, até mesmo com certa preguiça: “talvez”, “pode ser”, “quem sabe?”, “não”, eventualmente “sim”, e assim por diante.

37

“Ela é amiga da minha mulher / Pois é, pois é / Mas vive dando em cima de mim / Enfim, enfim / Ainda por cima é uma tremenda gata / Pra piorar minha situação. / Se fosse mulher feia tava tudo certo / Mulher bonita mexe com meu coração / Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não / Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não”⁴. A dúvida do Seu Jorge diante do assédio da amiga de sua mulher – “Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não” –, cantada no rádio do automóvel, nos contaminou e motivou a criar a série d’*As Meninas*⁵, parte da série ampliada *Dez casos de amor e um caso sério*.

38

Os trabalhos foram desenvolvidos a partir de fotografias selecionadas na internet, em seguida tratadas em programas de edição de imagens e impressas em papel de algodão.

39

As Meninas (sim), 2012, fotografia (da série *Dez casos de amor e um caso sério*).



40

As Meninas (não), 2012, fotografia (da série *Dez casos de amor e um caso sério*).



41

As Meninas (pode ser), 2012, fotografia (da série *Dez casos de amor e um caso sério*).



42

Certamente o artista é um sujeito em tormento permanente na busca de entender o que lhe cabe neste mundo entre a vida, a arte e a morte; mas isso não impede que ele tente se divertir na expectativa da partilha. Mesmo que “divertir” seja lido, conforme aponta nosso dicionário-padrão, como “entreter, distrair, desviar, fazer mudar de fim”.

Luiz Sérgio de Oliveira é artista e professor titular de artes / poéticas contemporâneas da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Notas

- ¹ A instalação no poste foi realizada no período de 28 de fevereiro a 16 de março de 1997.
- ² A série de João Câmara tem o título de *Dez casos de amor e uma pintura de Câmara*, e inclui um caderno de 10 litografias, um tríptico medindo 660 x 160 cm (tinta a óleo sobre tela e madeira, 10 painéis pintados a óleo sobre madeira com 220 x 160 cm). A série foi documentada em livro organizado por Frederico Moraes em 1983 (Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho; JBS Murad Propaganda).
- ³ O texto básico de *Um caso de amor, um caso sério* é uma adaptação livre de trecho do livro de Rubem Fonseca, *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1988). O trecho original: “Você demorou a ligar”, ela disse. Abracei o corpo nu de Veronika. Uma sensação de pureza me invadiu. Uma sensação de beatitude. Ela estendeu a mão e segurou meu pau. Deitei-a na cama. A luz do seu corpo era a do nascer do sol. Tenho que saciá-la, pensei, fazê-la gozar repetidas vezes, usar minha capacidade de ficar com o pênis ereto um tempo infindável sem gozar, meu prazer é secundário. A velha dúvida me assaltou — generosidade ou exibicionismo? — apenas por alguns instantes. Veronika deitou a cabeça sobre meu peito. “Obrigada”, ela disse.
- ⁴ Ela é amiga da minha mulher / Pois é, pois é / Mas vive dando em cima de mim / Enfim, enfim / Ainda por cima é uma tremenda gata / Pra piorar minha situação. / Se fosse mulher feia tava tudo certo / Mulher bonita mexe com meu coração / Se fosse mulher feia tava tudo certo / Mulher bonita mexe com meu coração / Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não / Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não.
- Minha mulher me perguntou até / Qual é, qual é? / Eu respondi que não tô nem aí / Menti, menti / De vez em quando eu fico admirando / É muita areia pro meu caminhão / Se fosse mulher feia tava tudo certo / Mulher bonita mexe com meu coração / Se fosse mulher feia tava tudo certo / Mulher bonita mexe com meu coração / Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não / Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não.
- O meu cunhado já me avisou / Que se eu der mole ele vai me entregar / A minha sogra me orientou / Isso não tá certo é melhor parar / Falei, ela não quis ouvir / Pedi, ela não respeitou / Eu juro! A carne é fraca, mas nunca rolou / Falei, ela não quis ouvir (Não quis ouvir) / Pedi, ela não respeitou. / Eu juro! A carne é fraca, mas nunca rolou / Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não / Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não.
- ⁵ Os trabalhos da série d’*As Meninas* foram apresentados na mostra Reversibilidade, realizada entre os dias 3 e 17 de outubro de 2012 na Galeria de Arte da Unicamp, Campinas, SP, com curadoria de Marta Strambi e Mauricius Farina.